



## MEMÓRIA E HISTÓRIA: UMA CONVERSA ENTRE REVOLUCIONÁRIOS NA POÉTICA CAMILLIANA

Fernanda Pessoa Barbosa  
Universidade do estado da Bahia – UNEB/VI (Brasi)  
Endereço eletrônico: nandabarbosa012@gmail.com

Esmeralda Guimarães Meira  
Universidade do estado da Bahia – UNEB/VI (Brasi)  
Endereço eletrônico: emeira@uneb.br

1796

### INTRODUÇÃO

O presente estudo sobre os escritos de autoria de Camillo de Jesus Lima é um recorte da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, ainda em desenvolvimento. O texto propõe investigar a intertextualidade poética no livro *Cantigas da tarde nevoenta* (1940), especialmente o poema “Bahia”, em que se destaca a relação entre Memória, História e Literatura. Este escritor do Alto Sertão da Bahia manteve produção constante entre as décadas de 1920 a 1970, escrevendo poemas, crônicas, contos e críticas. Do interior da Bahia percorreu o caminho das letras pela autodidaxia, recusando-se a participar da escola tradicional. Aprendeu com o pai a construir as escolhas literárias e foi lendo a vida e os livros que se formou como intelectual. Camillo de Jesus Lima circulou e colaborou com vários jornais da época, publicando textos literários e críticas de cunho social e político em jornais como *A Tarde* (Salvador/BA) e em *O Combate* (Vitória da Conquista/BA). Junto com o leitor assíduo crescia o intelectual e o escritor engajado com as causas sociais, um comunista convicto, em favor de uma humanidade mais justa. Nos seus versos são encontradas as possíveis marcas da leitura de mundo sob o olhar crítico e inseparável do literato e do sujeito histórico, com o uso de uma estilística invejável, como também palavras muito bem representadas nas escolhas semânticas de seus poemas. Para a análise desse recorte proposto, recorre-se aos conceitos de Memória e de História nos estudos de Halbwachs (1990), Le Goff (1990) e Hobsbawn (2003; 2013), de literatura e sociedade desenvolvidos por Bosi (2015), Candido (2000) e Meira (2012), de Intertextualidade, com base em Kristeva (2012) e Bakhtin (2014), para iluminar o diálogo entre dois intelectuais e escritores considerados revolucionários para seu tempo, Camillo de Jesus Lima e Jorge Amado.

Realização:



Apoio:





## METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos empregados no estudo partem da materialidade poética do texto “Bahia”, permeada pela dialética das relações sociais e histórica que envolvem o escritor Camillo de Jesus Lima em sua produção literária. Os caminhos teóricos utilizados, predominantemente sob o enfoque do Materialismo Histórico Dialético, buscam um diálogo com diversos autores, para trazer os conceitos de Memória, História, Literatura e Intertextualidade. Os passos importantes para o resultado a que se chegou aqui tem início com a) uma revisão crítica de literatura com leituras exploratórias, seletiva e interpretativa do material empírico e epistêmico; b) com a coleta de dados e escolha do poema “Bahia”; c) posterior discussão acerca da intertextualidade entre a obra camilliana e a obra amadiana, o que se considera como a interpretação dos dados; d) por fim, o que se pode chamar de síntese integradora, correspondendo aos objetivos levantados e moldurando novas questões.

1797

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O título de “revolucionário” é reservado, segundo Hobsbawn (2003), aos sujeitos inquietos, insatisfeitos, questionadores, rebeldes, que, em meio aos problemas, decidem por abrir as portas com os dois pés. Desesperança, urgência, revolta e decisão fazem dos intelectuais revolucionários. Tempos extremos, autoritários, ditatoriais, de desigualdades, de opressão e de duas grandes guerras e suas consequências, além dos diversos conflitos que permeiam o século, produziram sujeitos com ideais revolucionários. Camillo de Jesus Lima assumiu na escrita aquela função compartilhada por muitos intelectuais de sua época, marcas de um modernismo empenhando com as questões sociais, o regionalismo com um olhar atento e crítico sobre os problemas e as contradições da sociedade. Nesse sentido, os conceitos de Memória e História somam-se às reflexões sobre a arte literária, como trabalho humano com a palavra, e do escritor como ser social. Da história, segundo Le Goff (1990) observa-se a construção do sujeito leitor e do escritor como parte da coletividade: sua identidade, cultura, valores, ideais, convicções partem do diálogo com o real e no contato com outrem. Memória e história se materializam na escrita e na vida, nos monumentos, documentos e arquivos que permanecem vivos, mesmo com o passar do tempo. Nos arquivos do escritor Camillo de Jesus Lima encontram-se rastros de memórias individuais e coletivas, visto que,

Realização:



Apoio:





segundo Halbwachs (1990), são guardadas, apoiadas e compartilhadas socialmente, e até as lembranças, ideias e convicções considerados mais particulares são imbricadas pelo social. No livro *Cantigas da Tarde Nevoenta* de Camillo de Jesus Lima, escrito em 1940, mas somente publicado em 1955, encontram-se certo número de poemas e de obras que dialogam diretamente com outros escritores, a exemplo de John Steinbeck, escritor norte-americano do realismo, García Lorca, poeta e dramaturgo espanhol e Jorge Amado, romancista brasileiro. O poema “Bahia”, recorte deste trabalho, inicia-se com os versos: “Oh! Noites da Bahia! A quando e quando/Brilha o olho vivo do farol. Parados,/Dormem os barcos, como que cansados,/Dormem os barcos, como que sonhando” (LIMA, 2014, p. 63). A imagem produzida pelos versos remete ao trabalho incansável daqueles que trazem o alimento do mar. O eu lírico segue descrevendo que “há mulheres no cais, de olhos pisados./Há serpentes de becos coleando./GUMA... LÍVIA... MAR MORTO... Em ais magoados,/No ar morre um jongo como que chorando” (LIMA, 2014, p. 63). O eu lírico faz clara referência ao romance de Jorge Amado. *Mar Morto*, publicado em 1936, narra com grande lirismo fatos da história dos dois protagonistas citados pelo eu lírico camilliano, Guma e Lívia, e a vida de tantos canoieiros que vivem no mar. As mulheres no cais, como declarado nos versos, fazem referência às esposas e mães que aguardam ansiosamente a chegada de seus filhos e esposos do trabalho no mar, vivem a insegurança, o medo e o trauma de um dia, talvez, verem seus entes queridos sem vida sendo carregados nos braços dos companheiros. O lirismo profundo do livro de Jorge Amado também é evocado no poema de Camillo de Jesus Lima, um tom de melancolia preenche os versos, mas transparecem traços da memória ao serem citadas, na terceira e quarta estrofe, percorrendo as ladeiras da cidade e o mercado das “Sete Portas”, lugar em que o eu lírico experimenta os sabores da comida baiana e lamenta: “Ah! meu sarapatel das Sete Portas!/Negras velhas mercando, num lamento/Triste e guaiado, pelas horas mortas...” (LIMA, 2014, p. 63). O mercado, assim como diversas ruas e estabelecimentos da capital baiana, foi reduto de jovens escritores como Jorge Amado e Camillo de Jesus Lima. Frequentavam cafés, bordeis, praças, candomblés, feiras, conversavam com mulheres e homens simples, malandros, capoeiristas, prostitutas, e foi deste contato que Amado produziu uma literatura simples, direta, que se aproxima da realidade e do cotidiano dos sujeitos. Camillo de Jesus Lima presou por uma literatura que partisse do real, da crítica e do questionamento das relações sociais. Principalmente, na década de 1940 se dedicou ao estudo do materialismo/leninismo e de uma literatura que refletisse o real e estivesse em posição



de batalha. Em entrevista ao jornal *O Momento* em 10/12/1945, cujo título era “A Missão do Artista é Lutar Pela Democracia e Progresso: Um Escritor a Serviço do Partido de Prestes”, Camillo de Jesus Lima destaca seu apoio aos ideais comunistas, ao lado de outros intelectuais, como Jorge Amado e Graciliano Ramos. Assinalou sua posição de intelectual de esquerda, a luta ao lado do povo na construção de uma consciência revolucionária e transformadora da realidade, pois não era dos castelos de marfim que a literatura deveria nascer, mas da terra, do sangue e da mão dos que carregam o “sentimento de mundo”. A posição de Camillo de Jesus Lima o aproxima do escritor Jorge Amado, que sofreu, inclusive, censuras diretas do governo de Getúlio Vargas. Os dois autores também possuíam relação direta, trocavam correspondências sempre fazendo referências às suas produções, sendo Camillo de Jesus Lima indicado por Amado para representar a Bahia no “I Congresso de Escritores Brasileiros” em São Paulo no ano de 1945. Ao lado de escritores como Amado, Camillo de Jesus Lima encontrou no modernismo de 1930 a ênfase nas questões de ordem social, política, econômica, o realismo, uma revisão da realidade histórica, que vão marcar as publicações camillianas com forte militância política seja na literatura ou nas atividades jornalísticas. (MEIRA, 2012). “Bahia” é um dos traços que o aproximam da obra amadiana, mas não se resume ao lirismo na descrição da cidade de Salvador, porque os versos transmitem a opressão, a luta, a história, a memória e a valentia de indivíduos que, assim como Guma e Lívia, tiveram que subsistir em meio às intempéries da história, à divisão de classes e às contradições de uma sociedade capitalista e hegemônica. A relação de amizade dos dois escritores trilha o caminho do diálogo entre literatura e política, revela a formação ideológica e o propósito de fazer da arte uma arma de combate.

1799

## CONCLUSÕES

Nos poemas de Camillo de Jesus Lima revelam-se o leitor assíduo e o escritor engajado com o social, intelectual consciente do momento histórico que vivia e que fez da tessitura literária missão estético-política. O caráter dialógico dos textos camillianos é marca dos encontros na história e da memória. A presença da intertextualidade e a escolha por um diálogo com determinados autores reafirmam o posicionamento político, ideológico e social do autor reverberado na sua produção literária. Escritores de teor realista, socialista, engajados com uma análise crítica da história e das relações de classe, reafirmam o lugar do poeta na sociedade ao lado do proletariado, das mulheres,

Realização:



Apoio:





dos negros, dos pobres e de todos que fazem da arte instrumento de uma *práxis* transformadora. Além disso, é um convite aos leitores para também percorrerem os caminhos literários que Camillo de Jesus Lima tanto se orgulhou de fazer parte.

**PALAVRAS-CHAVE:** História e Memória. Literatura. Intertextualidade. Camillo de Jesus Lima.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Mar Morto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

A MISSÃO do artista é lutar pela democracia e o progresso: um escritor a serviço do partido de Prestes. **O Momento**, Salvador- Bahia, 10 dez. 1945.

BAKHTIN, Michael. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz-Publifolha, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. **Revolucionários**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à Semanálise**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad.: Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Camillo de Jesus. **Cantigas da Tarde Nevoenta**. Salvador: S.A. Gráficas da Bahia, 1955.

\_\_\_\_\_. **Obra Poética**. v. 2. Salvador: Assembleia Legislativa, 2014.

MEIRA, Esmeralda Guimarães. **Muito além das tardes nevoentas**: uma canção de teia de Camillo de Jesus Lima. Salvador: EDUNEB, 2012.

1800